

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE "ORFEU"

por Alfredo Guisado

EM determinado dia de 1915, as montras das livrarias apresentavam o primeiro número de «Orfeu» que ostentava a capa estranha mas admirável dêsse grande Artista que se chamou José Pacheco. Vinte e quatro horas depois começava a campanha agressiva e violenta contra «Orfeu» e contra os seus colaboradores. Dez dias depois a sensacional publicação estava esgotada.

As letras portuguesas continuavam a ser naquela época o mesmo que tinham sido no século XIX. Estagnara-se. Não se adivinhava sequer a evolução literária que se desenhava em todo o mundo.

Súbito começou a esboçar-se um movimento de agitação dentro do momento literário que a atravessava. Sá Carneiro publicava a «Confissão de Lúcio», um livro do melhor que se tem escrito em prosa portuguesa. Eu tinha publicado «Distância». Fernando Pessoa tornara conhecida a sua famosa poesia «País», uma poesia-padrão, qualquer coisa de basililar e tanto que se convencionou chamar «paulismo» a êsse alvorecer de modernismo literário. Eram vagos contornos de uma nova corrente que aparecia a sacudir a nossa literatura. Luiz de Montalvor que tinha chegado do Brasil poucos meses antes, Ronald de Carvalho, José de Almada Negreiros, Angelo de Lima, Armando Cortes Rodrigues, Santa-Rita Pintor, Eduardo Guimarães e Raúl Leal, responderam à chamada... Eramos os suficientes para lançarmos finalmente o grito de revolta. E «Orfeu» foi publicado...

«Orfeu» transformou, aformoseou, modernizou, colocou dentro da Europa a paisagem abandonada da nossa vida literária, como se de um deserto de grande extensão, êle tivesse conseguido súbitamente trazer o sentimento literário lusitana para um jardim de mistério e de beleza.

Foi um movimento que tinha de fatalmente se dar na nossa terra e dentro das nossas letras, um movimento de irresistível evolução que de um salto galgou montanhas e deixou parados na planície os que estavam agarrados ao passado adormecido.

Não foi um movimento «futurista» propriamente dito, como erradamente lhe chamaram, foi apenas um movimento avançado, o gesto irreprimível de abrir janelas de par em par numa casa que se conservara muitos anos herméticamente fechada. Foi portanto um movimento avançado e não «futurista», tanto mais que ainda que o nome o não demonstre, «futurismo» e um movimento mais antigo que o movimento de «Orfeu», qualquer coisa que tinha falhado e que tendo em alguns países servido para influenciar, nunca tinha dominado por completo uma geração, nem lançava firmes alicerces de uma escola literária com aspecto definitivo. Foi, quando muito, uma escola de transição que abriu o caminho que os outros haviam de definitivamente seguir. Com «Orfeu» sucedeu o contrário. Transformou-se numa escola decisiva que, não só influenciou, mas também dominou por completo as últimas gerações. O futurismo é uma semente de importação. A escola de «Orfeu» não se importou. Nasceu no

nosso país no mesmo momento em que lá fora movimentos semelhantes iam aparecendo. Não surgiu depois dêstes, nem antes dêstes; surgiu no mesmo momento do que estes. Nem veio do «simbolismo», nem foi inspirado no «futurismo», nem nasceu da necessidade de um exibicionismo que seria condenável por não ser sincero. Foi uma sacudidela brusca que acordou a sonolenta vida literária do nosso país nesse ano de 1915.

O momento internacional que se atravessava, em que o fogo das trincheiras incendiava o mundo, não se prestava a exibicionismos que não fôsem o reflexo verdadeiro de um verdadeiro estado de alma. «Orfeu» nasceu com o desmoronar de todo um passado que caiu com os milhares de vidas que se ceifaram no campo da batalha.

Sufocava-se dentro de um passado literário empoeirado e bafiento. Era preciso reagir, respirar. Reagiu-se. Respirou-se. Atiraram-se fora os preconceitos, destruíram-se os ídolos, agitou-se a multidão...

A diferença entre «futurismo» e «interseccionismo», uma definição que adotamos para guiar o nosso caminho, é enorme.

Assim, por exemplo, enquanto o «futurismo» faz o elogio superficial dos maquinismos, do seu aspecto extérico, do que as máquinas podem impressionar pelo seu exterior, o «interseccionismo» — continuemos a chamar-lhe assim — ainda mesmo quando se queira apontar Álvaro de Campos na sua «Ode Triunfal», canta e sente o que as máquinas têm de interior, o mistério do seu movimento, dos seus ruídos, da sua função. O «interseccionismo» sente a vida dos maquinismos, enquanto que o «futurismo» sente apenas o maquinismo da vida.

Não é um jôgo de palavras, é a diferença que existe entre ambos os momentos literários.

O «interseccionismo» vive na vida das coisas; o «futurismo» não passa do seu exterior.

A figura predominante dêsse movimento foi inegavelmente Fernando Pessoa. Antes do aparecimento de «Orfeu», já Fernando Pessoa descobrira Álvaro de Campos que foi com êle um dos nossos companheiros de «Orfeu».

Fernando Pessoa descobriu dentro da sua alma de Artista insigne que era, a alma de Artista do engenheiro Álvaro de Campos, que foi o primeiro dos seus desdobramentos, a primeira cisão havida nos seus sentidos e na sua sensibilidade.

Álvaro de Campos era mesmo o único verdadeiro desdobramento de Fernando Pessoa, porque Ricardo Reis, aparecido depois, nasceu da soma de dois desdobramentos! — o de Fernando Pessoa e o de Álvaro de Campos, como Alberto Caeiro surgia da soma dos desdobramentos dos três primeiros. Nenhum deles, porém, se deixou influenciar pelos outros. Todos eram absolutamente inconfundíveis no seu estilo e na sua maneira de ser.

É claro que, como na alma de todos existia, apesar de personalidades diferentes e de características diversas, a centralização dos movimentos em um só que era Fernando Pessoa, a morte dêste, perda irreparável nas letras portuguesas, ocasionou a morte de todos os outros. E,

com a sua morte, perdeu a literatura portuguesa quatro dos maiores poetas de todos os tempos.

Os dois primeiros viveram em «Orfeu»; os outros dois viveram fora dêle, porque nasceram depois, mas viveram dentro da sombra que «Orfeu» projectou forte e dominadora para lá da sua própria existência, que foi breve mas bela como as flores dos cactos misteriosos.

Fernando Pessoa foi a figura máxima do grupo de «Orfeu».

Em volta dêle, como num sistema planetário, giravam todos os outros.

«Orfeu» não seria nada sem o esforço sem a conjugação de esforços de todos os seus colaboradores, mas nada seria também sem o esforço de Fernando Pessoa, que colaborou e que permitiu a Álvaro de Campos que, por sua vez colaborou também. Fernando Pessoa dando a «Orfeu» — e quando falo em «Orfeu» não falo na revista propriamente dita mas no ambiente que ela criou — a sua alma e o seu talento, elevou-o tão alto nas suas mãos de Artista que o cercou de um brilho que jamais se apagará.

Foi o grande seleccionador dos colaboradores de «Orfeu» e o grande seleccionador das obras dêsse mesmos colaboradores.

«Orfeu» foi a porta de pesado bronze que se fechou para sempre e para lá da qual ficou definitivamente o passado literário da nossa terra, os seus continuadores e os seus admiradores. É certo que, ainda mesmo do lado de cá dêsse magestoso portão, se encontram alguns representantes dêsse passado no qual se vão apagando lentamente, mas êses não passam de uma reduzida minoria, uma espécie de rebotalho literário que se dilui por completo no meio da multidão modernizada. Quando se encontra ainda algum dêles, causa o assombro natural que causaria o encontro inesperado de um homem das cavernas que, com a sua indumentária e aspecto físico, passasse serenamente pelas ruas de Lisboa. Ao lermos as suas obras produzidas e publicadas agora, sabem a terem sido escritas pacientemente por velhos monges em amarelecidos pergaminhos da idade média.

Missão con



Antes...